

UMA DISCUSSÃO ÉTICA SOBRE O EXERCÍCIO DA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

*AN ETHICAL DISCUSSION ON THE EXERCISE OF TEACHING PRACTICE BY
MALE TEACHERS IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION*

Daniel Henrique de Oliveira Silva

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil.

daniel.henrique@uece.br

Caio Cesar Silva Nascimento

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil.

caionasser1@gmail.com

José Luciano Moreira Carvalho

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil.

luciano.carvalho@aluno.uece.br

Tiago Dutra Soares

Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil.

tiago.dutra@aluno.uece.br

RESUMO

A Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC) é reconhecida há 40 anos nos sertões de Crateús (Ceará) por formar professores para o município local e regiões vizinhas. No entanto, ao analisar dados do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) com informações do corpo discente da FAEC e do corpo docente atuante na Educação Infantil é perceptível a presença majoritária de mulheres. Diante dessa realidade, por meio de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, que utilizou o questionário semiestruturado como instrumento de coleta de dados, foram analisados relatos de pedagogos formados pela FAEC. O intuito desta investigação foi compreender os motivos que levam os professores a não atuarem na Educação Infantil, apesar de sua formação habilitarem-os para essa atuação. Conclui-se que a análise dos fatores que levam homens formados em Pedagogia a não atuarem na Educação Infantil revela-se pertinente para ampliar a compreensão sobre a presença masculina nesse nível de ensino, contribuindo para reflexões mais inclusivas acerca dos papéis de gênero na docência.

Palavras-chave: Educação Infantil, Professor homem, Formação de Professores, Docência.

ABSTRACT

The Crateús School of Education and Integrated Sciences (FAEC) has been recognized for 40 years in the hinterlands of Crateús, Ceará, for training teachers for the local municipality and neighboring regions. However, when analyzing data from the Anísio Teixeira National Institute of Educational Research (INEP) with information from FAEC students and faculty working in Early Childhood Education, it becomes clear that women make up the majority of the population. Given this reality, through qualitative bibliographic research using a semi-structured questionnaire as a data collection tool, we analyzed the accounts of educators trained at FAEC. The aim of this investigation was to understand the reasons why teachers do not work in Early Childhood Education, despite their training qualifying them for this role. It is concluded that the analysis of the factors that lead men trained in Pedagogy to not work in Early Childhood Education proves to be pertinent to broaden the understanding of the male presence at this level of education, contributing to more inclusive reflections on gender roles in teaching.

Keywords: Early Childhood Education, Male Teacher, Teacher Training, Teaching.

Introdução

Durante algumas décadas, a família era responsável por toda a formação moral e ética de seus filhos. Com o decorrer dos anos, devido à complexidade da vida em sociedade, a situação se alterou. Atualmente, as crianças frequentam escolas e políticas públicas orientam à universalização da Educação Básica. Contudo, há um ponto de atenção a ser refletido, principalmente, no âmbito da formação docente: em espaços educacionais voltados à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental a maioria dos/as professores/as responsáveis por esses primeiros anos de escolarização são mulheres.

Essa situação aponta para as diferenças de gênero socialmente estabelecidas na distribuição de responsabilidades e papéis, bem como para um preconceito em relação à presença masculina na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Para embasar tal reflexão, apresentam-se alguns dados recentes do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2022).

De acordo com o INEP (2022), de um total de 595 mil professores/as envolvidos na Educação Infantil, apenas 3,7% são do sexo masculino. Em contraposição a essa ínfima presença na Educação Infantil, essa proporção aumenta no decorrer dos anos de escolarização, se invertendo com maior intensidade na docência no Ensino Superior.

Acerca dos dados do INEP, pôde-se refletir sobre a predominância de professoras, evidenciada em todas as etapas da Educação Básica, sendo 1,8 milhões de docentes mulheres em um total de 2,3 milhões. De acordo com o INEP (2022), “no Ensino Fundamental (1º ao 9º ano), as mulheres são 77,5% dos 1,4 milhão de docentes e, no Ensino Médio, elas representam 57,5% do total de 545.974”.

Com base nesses dados, este artigo propõe uma análise mais específica, se atendo ao período com maior disparidade da presença entre os diferentes gêneros, visando estudar os motivos que levam os professores homens a não estarem atuando nos espaços da Educação Infantil, apesar de terem a formação de licenciados em Pedagogia, o que os habilita para o exercício da docência.

Não obstante, pôde-se considerar que as influências culturais sobre os modos de vida em nossa sociedade refletem na composição docente da Educação Infantil, sendo quase a sua totalidade ocupada por docentes mulheres. Essa percepção, revela como as construções binárias de gênero, de masculino e feminino, definem papéis sociais para homens e mulheres, estabelecendo à mulher o papel de cuidadora, mãe, responsável por essas crianças. Como aponta Teresa de Lauretis (1994, p. 220):

A partir do momento em que assinalamos o F num formulário, ingressamos oficialmente no sistema sexo-gênero, nas relações sociais de gênero, e fomos ‘en-gendrados’ como mulheres, isto é, não são apenas os outros que nos consideram do sexo feminino, mas a partir daquele momento nós passamos a nos representar como mulheres. Agora, pergunto, isto não é o mesmo que dizer que a letra F assinalada no formulário grudou em nós como um vestido de seda molhado? Ou que, embora pensássemos estar marcando o F, na verdade era o F que estava se marcando em nós?

Essa construção do eu impregna os corpos antes mesmo do nascimento, estabelecendo lugares possíveis de serem habitados pelos corpos masculinos e femininos. Sobre o corpo das mulheres, o papel que é cobrado a elas parece transpor as concepções do lar, demonstrando que a escola está em conexão com sociedade, reforçando que nos primeiros anos de escolarização as crianças precisam ainda de maior cuidado e atenção, responsabilidade designada, majoritariamente, às mulheres. Dessa forma, motivando maior presença feminina na Educação Infantil.

Voltando o olhar para a Universidade Estadual do Ceará (UECE), instituição da qual a FAEC faz parte, percebe-se que há predominância de estudantes mulheres no curso de Pedagogia da IES. Dados contidos nos registros acadêmicos da FAEC apontam que desde 1987, de um total de 1.265 estudantes concluintes, apenas 277 são homens, correspondendo assim a um quantitativo de 21,8% do todo. Esses dados apontam que na região de Crateús, a presença masculina é expressivamente menor do que a presença feminina na docência voltada à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Metodologia

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica, na qual se adotou uma abordagem qualitativa durante seu desenvolvimento. De acordo com Gil (2008, p. 50), a pesquisa bibliográfica possibilita

[...] ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, dessa forma, oferece ao pesquisador a oportunidade de explorar uma ampla gama de fenômenos, além do que poderia ser investigado diretamente. Isso é especialmente útil quando se lida com informações dispersas e fragmentadas.

Nesse contexto, em consonância com Gil (2008 p. 27), a pesquisa bibliográfica “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Visando entender as razões subjacentes à escassez de docentes do sexo masculino na Educação Infantil, este estudo utilizou o questionário semiestruturado como instrumento de pesquisa. Conforme Gil (1999, p. 128), o questionário é “a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

Por essa perspectiva, este trabalho tem como metodologia de pesquisa e de análise a ótica dos estudos de gênero, as construções sociais estabelecidas sobre os corpos masculinos e femininos e as imposições que recaem sobre esses/as docentes - designando as mulheres o papel de professora/cuidadora na Educação Infantil e nos anos inicial do Ensino Fundamental, e aos homens o papel de diretor ou coordenador pedagógico.

Sendo assim, este artigo aborda em seu primeiro tópico o contexto de criação da Educação Infantil, a partir do marco histórico da revolução industrial. Optou-se por iniciar neste período devido a sua marca e mudanças na reorganização social, tais como, a entrada de mulheres no mercado de trabalho e, conseqüentemente, a criação das creches e as primeiras concepções de Educação Infantil.

No segundo tópico, o trabalho objetiva é apresentar uma pequena amostra de relatos de alunos do sexo masculino que se formaram na Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC). Por meio de um questionário semi-estruturado, pretende-se analisar e contrapor diferentes períodos de formação, buscando compreender as motivações e perspectivas iniciais desses graduados na escolha do curso de licenciatura plena em Pedagogia, bem como os desafios enfrentados para ingressarem como docentes nas instituições voltadas à Educação Infantil.

No terceiro tópico, busca-se refletir como são estabelecidos lugares na sociedade a serem ocupados por homens e mulheres. De tal forma que transgredir esses espaços produz instabilidades sociais ou incômodos. Isto é, um homem trabalhar na Educação Infantil produz olhares, medo e curiosidade, de pais e mães, preocupados com a formação e segurança dos seus filhos.

O instrumento metodológico utilizado tem como objetivo compreender os motivos que influenciam a carreira profissional dos homens formados em Pedagogia a não atuarem nos espaços da Educação Infantil. Apesar de sua formação habilitar ambos os gêneros para a prática docente.

Processos de escolarização da criança ao longo da história

A Educação Infantil nem sempre teve um local de destaque na formação da criança, visto que ela surgiu como uma prática assistencialista e não como uma etapa de ensino. Dessa forma, em seu caráter assistencial tinha como finalidade prestar atendimento às necessidades básicas de proteção, cuidado das crianças, alimentação e higiene pessoal, não sendo considerada dentro de um processo educativo/formativo.

Essa prática, originalmente, ocupava o lugar da família motivada pelo crescimento da urbanização e do sistema capitalista, momento em que surge uma imensa necessidade de mão de obra. Com isso, somada às diversas lutas de reivindicações dos movimentos sociais, as mulheres que antes eram responsáveis pelas atividades do lar passaram a se inserir nos espaços das fábricas. Esse fato acarretou, conseqüentemente, na necessidade da criação de creches, nas quais crianças pudessem ficar e assim os seus pais e as mães pudessem trabalhar diariamente.

Nesse período, conhecido como Estado Novo (1937-1945) é que as creches ganham a atenção do Estado Brasileiro. A força de trabalho feminina era vista enquanto complementar ao dos homens, com baixíssimas remunerações ou até inexistentes, quando o salário vinha embutido no dos homens.

A Educação Infantil começa a ganhar força, enquanto etapa educacional, a partir da Constituição Federal de 1988. Devido a necessidade de formação de mão de obra para o mercado de trabalho e as manifestações populares de lideranças da Igreja Católica e de outros aparelhos sociais, a Constituição Federal (1988), no seu artigo 205, determinou:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Somado a isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 1996, também incluiu a Educação Infantil como parte integrante da Educação Básica, através da Lei 9.394/96, o que consolidou a institucionalização

dessa etapa de ensino. Além disso, em relação ao exercício da prática docente na Educação Infantil, o Art. 61 da LDB esclarece o seguinte:

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio; II – trabalhadores em educação portadores de diploma de pedagogia, com habilitação em administração, planejamento, supervisão, inspeção e orientação educacional, bem como com títulos de mestrado ou doutorado nas mesmas áreas; III – trabalhadores em educação, portadores de diploma de curso técnico ou superior em área pedagógica ou afim. IV – Profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada [...]

A LDB define os critérios que os profissionais devem atender para atuarem como educadores na Educação Básica, incluindo a Educação Infantil. A lei estabelece a necessidade de formação e habilitação adequadas, seja por meio de cursos de graduação, pós-graduação, cursos técnicos ou pelo reconhecimento de conhecimentos e experiências relevantes no campo educacional. Vale ressaltar que em nenhum trecho da LDB aborda-se a especificidade de gênero para a atuação profissional na Educação Infantil. Com isso, reafirma-se que não existe exclusividade da figura feminina, ou desconsidera o exercício da prática docente da figura masculina em espaços de desenvolvimento dessa etapa de ensino.

No entanto, mesmo após a criação de creches para suprir a necessidade de cuidados infantis decorrente da inserção das mulheres no mercado de trabalho e do avanço da concepção e da prática da Educação Infantil enquanto processo formativo, os preconceitos e paradigmas socialmente definidos e culturalmente perpetuados continuaram a influenciar a percepção do papel de educar as crianças. A sociedade ainda tende a considerar a educação nessa fase como um ofício exclusivo das mulheres.

Essa visão arraigada na cultura estabelece uma divisão de papéis de gênero, atribuindo à figura feminina o cuidado, o afeto, o sentimentalismo e a responsabilidade pela educação. Por outro lado, a figura masculina é frequentemente associada ao papel de provedor, detentor da força e da racionalidade. Essa construção cultural mantém o status quo dos papéis socialmente

definidos, reforçando a desigualdade de gênero e limitando as possibilidades de participação ativa dos homens no cuidado e na educação das crianças.

Portanto, nesta ideia culturalmente construída de papéis de gênero reflete-se a configuração prévia da sociedade na qual as crianças estão inseridas. Nessa perspectiva, Cavalleiro (1998, p. 18) afirma:

Numa relação dialética homem/sociedade, o novo membro da sociedade interioriza um mundo já posto, que lhe é apresentado com uma configuração já definida, construída anteriormente a sua existência. Assim interagindo com outros a criança aprenderá atitudes, opiniões, valores a respeito da sociedade ampla e mais especificamente, do espaço de inserção do seu grupo social.

Desse modo, nessa dinâmica entre o indivíduo e sociedade, a criança ao se tornar parte dessa sociedade, internaliza um mundo que já existe previamente à sua existência. Pois ao interagir com diversos indivíduos, como familiares, professores e amigos, ela acaba por assimilar não só as expectativas de gênero e papéis socialmente definidos a homens e mulheres, mas também internaliza as atitudes, os valores e as normas que moldam a sociedade em que vivem.

Por essa perspectiva, é fundamental a presença de educadores homens nos espaços de Educação Infantil por possibilitar uma diversidade de modelos e referências que promovam uma compreensão mais ampla e inclusiva dos papéis de gênero. A presença da figura masculina na Educação Infantil pode contribuir para desafiar os estigmas e preconceitos, possibilitando desde cedo a desconstrução dos papéis socialmente definidos. Mais do que isso, é necessário problematizar as construções sociais que definem lugares a serem ocupados socialmente por homens e mulheres, impedindo e/ou dificultando que estes escolham os caminhos a serem seguidos no campo profissional e da vida.

Quando os homens decidem atuar como professores na Educação Infantil, muitas vezes a sociedade reage com estranhamentos e questionamentos duvidando da sua capacidade indissociável de cuidar e educar adequadamente das crianças, até mesmo levantando questões sobre a sua sexualidade ou preocupações relacionadas a segurança dos filhos, pontos que sobressaem, inclusive, sobre a capacidade profissional daquele professor. Nesse caminho, Araújo e Hammes (2012, p. 7) contribuem ao afirmar que:

Estará essa ausência ligada ao receio ou ao medo em relação à pedofilia, ao homossexualismo, a visão de que ensinar e cuidar de crianças é uma tarefa exclusivamente feminina ou simplesmente questiona-se se a educação de crianças realmente necessita de homens.

Dado que a figura masculina do professor homem ainda é carregada de muitos estereótipos e preconceitos, Ramos e Xavier (2010, p. 7), evidenciam que:

Quando os professores homens iniciam suas atividades, há um estranhamento por [...] parte dos adultos, destacado pela ausência de conhecimento mútuo. Essas pessoas não entendem porque um homem se insere em um campo eminentemente feminino. Em muitos casos é questionada a própria sexualidade.

Dessa forma, é notável a existência de um sentimento de estranheza, reações negativas e descrença devido à falta de representação masculina nos espaços de Educação Infantil, considerados, predominantemente, femininos. Quando homens optam por atuar como professores em um campo profissional e tradicionalmente associado às mulheres, surgem questionamentos infundados sobre sua sexualidade. O que desloca a atuação e competência profissional relacionando-as com a orientação sexual de uma pessoa. Com isso, esses estereótipos tornam-se evidentes quando se observa que uma atitude aparentemente comum de demonstração de afetividade pode ter significados distintos como afirma (Sayão, 2005, p. 141):

Uma atitude aparentemente comum de demonstração da afetividade, como a troca de beijos e abraços entre as crianças e as crianças como os adultos, transforma-se num tema quando há homens atuando em creches. Parece mesmo que a troca de afetos fica restrita às crianças e às mulheres.

Nesse sentido, a capacidade de demonstrar afetos gera discussões e questionamentos quando os homens estão envolvidos nesse tipo de interação afetiva. Contudo, como a capacidade de demonstração de afetividade não está vinculada ao gênero, há uma indicativa de restrição cultural em relação à demonstração de afeto masculino, pois os homens também são capazes de oferecer carinho, apoio emocional e afetividade no ambiente educacional.

Vale refletir sobre a definição de criança, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 12):

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Por essa perspectiva, se a criança tiver contato com figuras masculinas exercendo esses mesmos papéis sociais em casa, nas escolas e em diferentes espaços pode auxiliar no seu desenvolvimento e compreensão de que a figura masculina também pode exercer de igual modo o papel da criação dos filhos, das atividades domésticas e outros papéis destinados a figura feminina. Destaca-se que tais práticas sociais do cotidiano familiar não inferiorizam homens, mas sim, fazem parte de atividades para um bom convívio familiar e social. Assim, ter a figura masculina mais presente em espaços escolares e familiares contribui expressivamente para promover a superação desses preconceitos e paradigmas socialmente criados.

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica, na qual se adotou uma abordagem qualitativa durante seu desenvolvimento. De acordo com Gil (2008, p. 50), a pesquisa bibliográfica possibilita.

Resultados e discussões

Neste tópico se propõe realizar discussões a partir de entrevistas realizadas com concluintes do gênero masculino do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que se disponibilizaram a contribuir com a pesquisa. Vale ressaltar que o primeiro curso de graduação da FAEC foi o de Pedagogia, iniciado em 1983. Dessa forma, é possível afirmar que há mais de 40 anos a Faculdade forma pedagogas e pedagogos na região do Sertão de Crateús.

A amostragem contou com alunos de anos diversificados, tendo o mais antigo concluído no ano de 2013, e o mais recente no ano de 2022. Esse marco temporal se deu de acordo com o interesse e disponibilidade dos participantes em integrarem essa pesquisa. Sendo assim, a escolha dos participantes foi demarcada a partir do aceite em participar da entrevista. Foram entrevistados 6 pedagogos formados pela FAEC.

No tange o processo de investigação, foram realizados formulários, cada um deles com 6 questionamentos discursivos. A opção por respostas textuais, em contraposição à de múltiplas escolhas, ocorreu por acreditar que elas nos permitem aprofundar com maior afinco as discussões propostas para este trabalho.

Acerca das indagações propostas para o formulário, elas giraram em torno da dúvida de estarem ou não atuando nos espaços da Educação Infantil. Ao mesmo tempo, visando compreender, em caso de atuação profissional nessa etapa de ensino, quais os desafios, diante das respostas negativas, quais motivos estariam impedindo essa inserção docente no ambiente escolar. A fim de refletir e problematizar a questão central da pesquisa, foram feitas as seguintes perguntas:

1. Qual foi o seu período de conclusão no curso de licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús, da Universidade Estadual do Ceará – FAEC/UECE?

2. Quais foram as suas motivações e perspectivas iniciais para escolher o curso de Pedagogia?

3. Durante a procura pelo campo de estágio e/ou no período de estágio supervisionado na Educação Infantil você sofreu algum tipo de resistência ou estranhamento? Se sim, essas dificuldades e/ou preconceitos foram por parte dos responsáveis? Dos profissionais da instituição? Você acredita que elas ocorreram por ser uma figura masculina ocupando esses espaços?

4. Qual a sua visão sobre o profissional da Educação Infantil antes, durante e após o curso de Pedagogia?

5. Durante o curso, os textos selecionados utilizados durante as disciplinas, os diálogos realizados em sala e as palestras promovidas pela instituição trouxeram discussões relacionadas à temática da figura masculina na Educação Infantil?

6. Quando concluiu o curso, você buscou se inserir no campo de atuação profissional da Educação Infantil? Em caso afirmativo, comente quais foram suas dificuldades para o ingresso? Caso não tenha procurado a inserção profissional nesta etapa, por qual motivo?

Para preservar a identidade dos entrevistados, eles foram nomeados com a letra “P” de participantes e sequencialmente com uma numeração 1, 2, 3, 4, 5, e 6,

para se referir aos diferentes participantes. Quanto à primeira pergunta, referente ao período de conclusão do curso, as respostas refletiram o período entre os anos de 2013 e 2022.

A segunda pergunta teve como objetivo conhecer as motivações e perspectivas iniciais dos participantes na escolha do curso de Pedagogia. Sobre esse questionamento, obteve-se as seguintes respostas:

P1- Me identifico com a profissão.

P2- Minhas motivações foram a acessibilidade, localidade, desejo em ser graduado por uma universidade pública. Minha expectativa para o curso foi a possibilidade de atuar em uma área de gestão, uma vez que a pedagogia é bem ampla.

P3- Não tive muita escolha, foi a que eu tinha afinidade.

P4- Aprofundamento sobre o conhecimento científico.

P5- Queria uma formação superior, dentre os cursos da FAEC, escolhi por estar em contato direto com ensino e aprendizagem.

P6- Já havia trabalhado na área e me identifico.

Tais relatos demonstram que os motivos para escolha do curso foram os mais diversos e que nem todos que o escolheram tinham como ideia inicial e principal se tornar docente. Identificação com a docência, facilidade de acesso, formação superior em uma universidade privada e a opção disponível para o momento parecem ganhar maior visibilidade entre os entrevistados em contraposição ao desejo de se tornarem pedagogos. Constatações diversas e dissonantes podem ser consequências de uma classe profissional desvalorizada, pouco reconhecida e com quase nenhum prestígio social, levando ao desinteresse pela carreira docente.

A terceira pergunta, buscou compreender se, durante o curso e na busca pelo estágio supervisionado em estabelecimentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, houve algum tipo de resistência, estranhamento e/ou preconceito por parte dos responsáveis e/ou profissionais da instituição por ser um homem ocupando (ou pela possibilidade de ocupar) espaços. As respostas foram as seguintes:

- P1- Não.
 P2- Não percebi.
 P3- Não.
 P4- Não.
 P5- Não diretamente, mas de forma velada, percebi que pais e professores até mesmo as crianças preferiam minha colega de estágio, vi uma afinidade maior com ela, sendo o mesmo tempo de convívio.
 P6- Não respondeu.

Inicialmente, quando analisamos as respostas dos entrevistados 1, 2, 3, 4 e 6, podemos acreditar que não há preconceito ou estranhamento, no entanto, a resposta da pessoa de número 5, nos leva a refletir se não houve observação sobre essas questões pelos outros respondentes ou se realmente eles não passaram por situações desconfortáveis em relação a questão. Uma vez que a resposta divergente aponta que esse cenário ocorria de forma velado, disfarçado, advindo até mesmo das próprias crianças, que, possivelmente já estavam acostumadas (culturalmente habituadas) a sentirem-se acolhidas com a figura feminina, responsáveis majoritariamente pelos cuidados em casa e nos ambientes educacionais.

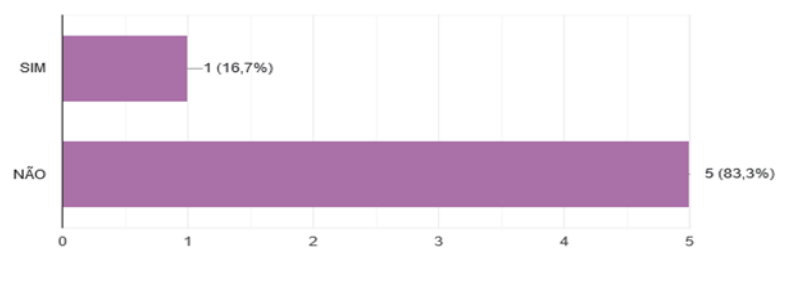
No que diz respeito a visão dos entrevistados sobre o profissional da Educação Infantil em diferentes períodos, antes, durante e depois da formação em Pedagogia, responderam:

- P1- O curso torna-se um norte para quem busca ou deseja trabalhar nesta área do ensino.
 P2- Vejo como o pilar da educação.
 P3- “Deve ser mais valorizado e ter uma atenção especial por parte da instituição, já que o mesmo se doa completamente.
 P4- A educação infantil é a base da educação, porém o que impede os profissionais é a estrutura em sala de aula, seja por falta de material, salas superlotadas, entre outros. A minha visão sobre os profissionais é que todos dão o melhor de si, porém, o retorno por partes das instituições não vem de forma fácil.
 P5- A educação infantil é um desafio, assim como nas demais modalidades de ensino. Antes do ingresso ao curso de Pedagogia a visão sobre a educação infantil me parecia ser mais assistencialista, mas, durante o curso fui descobrindo que a função do (a) Pedagogo (a) é transmitir a humanidade historicamente produzida pelo conjunto dos seres humanos, aos outros indivíduos. Com a conclusão do curso percebi que as dificuldades são inúmeras, principalmente a falta de recursos para o trabalho docente.
 P6- Antes tinha uma visão de ensino e aprendizagem, porém dentro e após a licenciatura vi que vai para além do ensino, o profissional necessita estabelecer um laço amigável para a convivência com as crianças e ligar com várias questões que vão além do ensino de sala de aula. Deve ser mais valorizado e ter uma atenção especial por parte da instituição, já que o mesmo se doa completamente.

Na quarta pergunta, apesar do assunto se direcionar para discussões acerca da presença masculina na Educação Infantil, a maioria dos entrevistados remetem suas respostas às dificuldades relacionadas à valorização profissional e aos problemas estruturais e de recursos. Essas visões, revelam como as questões de gênero podem estar introjetadas em suas concepções de educação, principalmente sobre o lugar a ser ocupado na Educação infantil, como designado às mulheres, a ponto de que não questionaram a presença do gênero masculino. Dessa forma, os pedagogos que integram essa pesquisa por meio das respostas aos questionários, acreditam que a Educação infantil é essencial para a formação de futuros cidadãos, no entanto, não há problematizações ou diferenciações em suas falas sobre mudanças de concepções nas distintas temporalidades que foram propostas nas perguntas, antes, durante e após o curso de Pedagogia.

A quinta pergunta procurou identificar se durante o curso foi promovido pela instituição e/ou pelos/as professores/as, textos, diálogos, palestras, oficinas e minicursos sobre a discussão na temática da figura masculina na educação infantil.

Figura 1 – Dados de respostas ao formulário da pesquisa amostral



Fonte: dos autores, 2025.

Aqui, temos uma amostra limitada, que não pode ser levada em consideração com afincos para tirar respostas conclusivas ou exatas, uma vez que os entrevistados compõem períodos distintos de formação, soma-se a isso o fato de ser uma amostra pequena em relação ao número total de concluintes.

Não obstante, em acréscimo às respostas anteriores, pode-se inferir que talvez essas questões não tenham a devida atenção que deveriam ter durante a

formação por meio de atividades vinculadas à universidade, sendo essa afirmação relatada por cinco dos seis entrevistados. Os pedagogos não perceberem situações de constrangimentos e preconceitos com a presença masculina na Educação Infantil e não relataram ou focaram essas discussões em suas falas.

Vivemos em uma sociedade nitidamente marcada por papéis sociais designados aos homens e às mulheres. Acerca da Educação Infantil, dados trazidos nesse texto, do INEP, apontam a irrisória presença masculina nesses espaços, o que demonstra uma sociedade calcada em concepções generalizadas sobre os lugares permitidos de serem ocupados em nossa sociedade por professores e por professoras. Nos anos iniciais da educação básica é designada a mulher, culturalmente responsável pelo lar e pela educação das crianças. Aos homens, esse papel é cerceado, são criados para ocuparem cargos de gestão, liderança e nesses espaços são os diretores e coordenadores. O cuidado exige, nessa sociedade, delicadeza, atenção, carinho, afeto. Esses atributos são concebidos na sociedade cis heteronormativa como femininos, sendo assim, as mulheres são incumbidas de desempenharem essa função enquanto professoras da Educação Infantil.

A sexta questão tratou de saber se os entrevistados buscaram inserir-se no campo de atuação profissional da Educação Infantil, caso tenha buscado, quais dificuldades encontradas e caso não, por qual motivo.

P1- Não.

P2- Não procurei atuar na Educação Infantil por já estar em um campo de atuação diferente, mas esperando um concurso público para me inserir nesses espaços.

P3- Sim. A dificuldade principal foi a oportunidade de seleção. A dificuldade e desvalorização da classe desmotiva.

P4- Sim. Tive experiência na Educação Infantil, mais especificamente no infantil IV em uma instituição pública do Ceará. A principal dificuldade foi o tabu que existe em relação à figura masculina na Educação Infantil. Todavia, esse tabu deve-se aos dados alarmantes quando nos referimos a abusos cometidos, por parte, em sua maioria, da figura masculina. Para termos exemplos concretos os dados do anuário de Segurança Pública de 2019 apontam que, em casos de estupro 85% das vítimas são mulheres; em 70% dos casos, a vítima é criança ou vulnerável e que tal atrocidade é cometida por conhecidos das vítimas. Por isso compreendi que esse "tabu" na verdade se baseava na realidade, assim, sempre busquei respeitar as crianças, evitando, por exemplo, colocá-las no colo. Quando chegou a hora do banho houve um acordo com a coordenação para que as meninas fossem banhadas por outras mulheres e os meninos por mim. Assim, ganhei confiança por parte dos pais, da escola e dos profissionais.

No mais, vejo como uma área pouco adentrada pelos profissionais homens licenciados em pedagogia, receio adquirido pelos profissionais em relação ao medo que os pais dos alunos podem sentir.

P5- Não, trabalho em outra área, mas sei que existe uma resistência.

P6- Não respondeu.

Os relatos dados pelos entrevistados demonstram que existem dificuldades de acesso e permanências dos professores homens nos espaços de educação infantil. Conforme aponta Louro (2000), na escola ocorre o disciplinamento dos corpos, em práticas “muitas vezes sutil, discreta, contínua, mas, quase sempre, eficiente e duradoura” (Louro, 2000, p. 17).

[...] a "produção do menino" era um projeto amplo, integral, que se desdobrava em inúmeras situações e que tinha como alvo uma determinada forma de masculinidade. Era uma masculinidade dura, forjada no esporte, na competição e numa violência consentida.

Aos homens são designadas as práticas de futebol, de lutas, de cabo de guerra. Deles, exigem-se força, aspereza e não demonstração dos sentimentos.

Sobre os corpos femininos, essa pedagogia agia domesticando seus corpos a serem passivos, pacíficos, a serem “doces, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas” (Louro, 2000, p. 18). As mulheres, eram designadas aos jogos de vôlei, as práticas de ballet e ensinadas a expressar seus sentimentos.

Nos espaços de brinquedos, os meninos são direcionados a brincarem de caminhões, bolas e carrinhos. Já as meninas brincam de boneca, de casinha, com vassoura, rodo, liquidificadores, panelas e uma parafernália de objetos que remetem aos cuidados da casa. Tais observações demonstram como os corpos são produzidos desde a infância e refletem em práticas sociais escolares.

Pedagogos interessados em atuarem na Educação Infantil encontram limitações para essa prática, por ser visto como um lugar a ser ocupado pelas mulheres. Nessa mentalidade, elas são as únicas consideradas aptas, capazes de cuidar das crianças. O que ocorre é uma transposição das concepções de cuidado que vivenciam-se nos lares, em que a mulher é sobrecarregada na criação dos filhos, para os espaços de Educação Infantil. Nesse sentido, pode despertar nos homens o medo de ocupação profissional nesses contextos educacionais.

Considerações finais

O presente trabalho buscou promover uma discussão ética para compreender as motivações e desafios enfrentados pelos alunos concludentes da Faculdade de Educação e Ciências Integradas de Crateús (FAEC) quanto a inserção no campo de atuação profissional da Educação Infantil, visto que, a sua habilitação o possibilita e garante por lei o exercício da prática docente nessa etapa educacional.

Dessa forma, conclui-se que a pesquisa sobre a presença da figura masculina ocupando os espaços de educação infantil é relevante no intuito de desenvolver uma compreensão mais ampla e inclusiva sobre os papéis de gênero. Pois com a presença da figura masculina nas creches possibilitará uma diversidade de modelos e referências, permitindo assim, desafiar os estereótipos e preconceitos de gênero socialmente definidos, promovendo uma educação mais inclusiva, igualitária e livre de preconceitos, assim estimulando o respeito entre meninos e meninas desde cedo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Messias Pereira; HAMMES, Caren Cristiane. A androfobia na Educação Infantil. *Interfaces da Educação*, Paranaíba, v. 3, n. 7, p. 5 - 20, 2012. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/interfaces/article/view/580/544>. Acesso em: 15 out. 2025.

BARROS, A. Homens ganharam quase 30% a mais que as mulheres em 2019. Agência IBGE Notícias, Publicado: 06/05/2020. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27598-homens-ganharam-quase-30-a-mais-que-as-mulheres-em-2019#:~:text=Os%20homens%20tiveram%20rendimento%20m%C3%A9dio,hoje%20\(6\)%20pelo%20IBGE](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27598-homens-ganharam-quase-30-a-mais-que-as-mulheres-em-2019#:~:text=Os%20homens%20tiveram%20rendimento%20m%C3%A9dio,hoje%20(6)%20pelo%20IBGE). Acesso em: 1 out. 2025.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998. Disponível em:

<https://repositorio.usp.br/item/000995054>. Acesso em: 23 nov. 2025.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

IBGE. Rendimento do trabalho- Homens ganharam quase 30% a mais que as mulheres em 2019. Agência IBGE Notícias, Publicado: 06/05/2020. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27598-homens-ganharam-quase-30-a-mais-que-as-mulheres-em-](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27598-homens-ganharam-quase-30-a-mais-que-as-mulheres-em-2019#:~:text=Os%20homens%20tiveram%20rendimento%20m%C3%A9dio,hoje%20(6)%20pelo%20IBGE)

[2019#:~:text=Os%20homens%20tiveram%20rendimento%20m%C3%A9dio,hoje%20\(6\)%20pelo%20IBGE](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/27598-homens-ganharam-quase-30-a-mais-que-as-mulheres-em-2019#:~:text=Os%20homens%20tiveram%20rendimento%20m%C3%A9dio,hoje%20(6)%20pelo%20IBGE). Acesso em: 1 out. 2025.

INEP. Assessoria de Comunicação Social do Inep; Dados revelam perfil dos professores brasileiros. Gov.br, Publicado: 14/10/2022. Disponível em: [https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/institucional/dados-revelam-perfil-dos-professores-brasileiros#:~:texto=De%20o%20acordo%20com%20o%20Censo,%25\)%20dos%20milh%C3%B5es](https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/institucional/dados-revelam-perfil-dos-professores-brasileiros#:~:texto=De%20o%20acordo%20com%20o%20Censo,%25)%20dos%20milh%C3%B5es). Acesso em: 2 out. 2025.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. In: HOLANDA, Heloísa Buarque. Tendências e Impasses. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RAMOS, Joaquim; XAVIER, Maria do Carmo. A presença de educadores do sexo masculino na educação e cuidado de crianças pequenas. Revista fazendo Gênero: diásporas, diversidades e deslocamentos, 2010. Disponível em:

https://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277930497_ARQUIVO_Artigo-FAZENDOGENRO-versaofinal.pdf. Acesso em: 15 out. 2025.

SAYÃO, Déborah Thomé. Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106572>. Acesso em: 15 nov. 2025.